

## Índice

1.º homem: Kahnnak	11
1.ª mulher: Maria Llurbai	45
2.º homem: Albert Mulder	75
3.º homem: Vassliss Rânia	87

«Chovia tanto que todos os porcos ficaram limpos...»

GEORG LICHTENBERG

1.º homem: Kahnnak

## Capítulo I

### 1

São quatro na pequena casa onde a solidão individual não impede o incesto; os animais com o mesmo apelido são gulosos e não prescindem de todas as operações que o desejo lhes permite.

O pai, esse, examina as vísceras do que ontem era uma das raras peças do seu gado: a carne torna-se página, é consultada, manuseada, fazem-se com os olhos investigações que demoram; o homem olha para a víscera como se estudasse na biblioteca uma língua estrangeira. Uma das últimas lições. Como se à beira de aprender a última palavra de uma língua, como se esta existisse e resolvesse algo importante.

— Estúpido animal — murmurou.

Também o podre tem uma lei, a lama apoderava-se dos sapatos, incomodava o movimento, atrasava-o, exercia contra o homem uma potência negativa, uma potência que puxa para

baixo como uma queda. Mas ali em solo firme. A lama parece que deixa cair, mas não.

— Lama nojenta — murmurou o velho Kahnnak.

## 2

Os sapatos movem-se e exercem influências baixas enquanto se procede a actos culinários, acima do tronco, em mesa de madeira velha; os sapatos não são o único leitor em bicos de pés do que sucede às vísceras do animal que por mãos femininas é atirado para a condição gastronómica; uma existência repelente torna-se útil, alimenta a família; a carne não negligencia o mistério do mundo, altera-se, espanta, ganha novas formas, torna-se, podemos dizer, bela. Os alimentos foram vísceras capazes de levantar o asco às crianças mais distraídas; transformadas agora, dentro da cozinha, na parte do mundo que lhes abre o apetite.

— Carne universal — disse a velha Kahnnak; como se falasse, afinal, do Esperanto, da Língua prometida ou já muito esquecida, dessa língua que une os homens e anula os inimigos.

Carne universal, carne universal!

## 3

Ociosos, deixa que o vento bata com barulho excessivo na porta que deveria impedir o frio mas também o som. Tenta

concentrar-se. O vento antecipa as ideias e não caça uma certa infelicidade que o corpo guarda para cada dia. Mas eis que ela surge e eis que ele aceita.

Lá ao fundo, atrás de uma árvore isolada, com o tronco grosso, com uma beleza e um pudor invejáveis, folhas exactas como se atiradas de dentro para fora, flecha lentíssima, eis o crescimento das coisas o que é: vem de dentro e é lento, mas é exacto, certo, e atrás dessa árvore magnífica o velho Kahnnak hesita, ligeiramente dobrado nas suas gordas pernas, hesita na direcção a dar à urina quente que não pára. Direcção o que se expulsa como quem faz um desenho com a mão hábil no papel branco; o velho com a mão direita segurando orgulhoso no pénis atira a urina para cima das ervas. Desenha sobre aquilo a que um romântico chamaria inocente pedaço da natureza. Porém, alguém o vê da janela e considera este facto um assunto sério.

4

A mãe e a filha desenvolvem o burburinho como se este fosse uma técnica nova, ou uma máquina recém-inventada. O burburinho é a máquina feminina da família, faz coisas, produz, eis o exemplo certo: o burburinho feminino produz aquilo a que mais tarde se chamará História da família. Há mais burburinho que factos na História, na história fictícia, mas esta é a única que existe tanto na família como nas vidas singulares: as mulheres vencem; são as que melhor assimilam o passado.

Ela também escuta, a velha, que quase surda escuta com os olhos, assustando como uma vidente louca; alguém que depois

de ver muito começa a cantar; e desafina, e assusta as crianças com o som, como se o uivo de um lobo que as quer comer. Mas num dia normal as mulheres não protegem assim, assustando; desta maneira as crianças não cresceriam, renunciariam à fase adulta, nunca mijariam de pé.

— Não suporto mais os burburinhos — disse o velho Kahnak, convidado na sua própria casa, mas um convidado rico, a quem se dá o melhor lugar na mesa, a melhor fatia de queijo e de quem se espera a primeira e a última palavra.

— Com os vossos segredos fazem um inimigo — disse, antes de abrir a janela para cuspir.

## Capítulo II

### 1

A janela é a parte da casa feita para os olhos, a porta, a parte da casa feita para os pés e para as pernas.

Uma chávena incompetente caiu no chão assustando o velho Kahnnak.

A orquestra militar exalta a beleza de instrumentos sonoros que não disparam; Kahnnak, da janela feita para os olhos, observa a embarcação de sapatos pesados em passo uniforme.

O velho Kahnnak está no hotel, os cotovelos sérios pousados sobre o caixilho da janela. Chávena partida no chão, cacos por sítios desconhecidos do quarto; na infância, o vidro era um material que vigiava estupefacto as brincadeiras das crianças, como os animais maus no escuro, prestes a atacar:

— Cuidado com os vidros — diziam as mães.

Depois limpo os vidros loucos, pensou o velho Kahnnak, agora estou a ouvir o exército que canta.

E cantavam.